

MERCADO DE TRABALHO

PNAD COVID-19 – Divulgação de 2/10/2020 – Principais destaques

Sumário

- De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, a *taxa de desocupação* foi de 14,1% na semana de 6 a 12 de setembro, atingindo 13,9% na primeira quinzena do mês e continuando o processo de elevação em relação aos meses anteriores (10,7% em maio, 12,4% em junho, 13,1% em julho e 13,6% em agosto).
- A elevação da taxa de desocupação na primeira metade de setembro deveu-se ao aumento da *taxa de participação na força de trabalho*, que passou de 55,8% na média de agosto para 56,2% em setembro. O aumento do número de pessoas procurando trabalho mais do que compensou a variação também positiva do número de ocupados, que passou de 82,2 milhões em agosto para 82,5 milhões em setembro. O *nível da ocupação* apresentou leve alta entre agosto (48,2%) e as primeiras duas semanas de setembro (48,4%).
- Apesar do aumento da taxa de participação na força de trabalho, chama atenção, no total de pessoas não ocupadas que não procuraram trabalho, mas gostariam de trabalhar, o elevado percentual de pessoas que não procuraram trabalho possivelmente por conta da pandemia (62,5% na média parcial de setembro). Esse percentual tem caído muito lentamente (tendo sido de 64,4% em agosto), indicando que, apesar de estarem arrefecendo gradualmente, os efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho ainda são relevantes.
- Na medida em que a evolução da pandemia permita a continuidade dos processos de flexibilização das restrições às atividades socioeconômicas e de recuperação do nível de atividade, e tendo em vista também a redução do valor do auxílio emergencial nos próximos meses, espera-se que o *nível de participação na força de trabalho aumente até o final do ano*. O *nível de ocupação também deverá aumentar*, mas é razoável esperar que, conforme ocorrido até agora, não em um ritmo forte o suficiente para impedir que a *taxa de desocupação continue a elevar-se*.
- A taxa de informalidade tem apresentado leve tendência de alta desde julho, quando foi de 33,6%, tendo atingido 33,9% em agosto e 34,4% nas primeiras duas semanas de setembro – o que indica que a retomada do nível de ocupação tem sido mais forte para os empregos informais.

Maria Andreia Parente Lameiras

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marco Antônio F. de H. Cavalcanti

Diretor Adjunto da Dimac do Ipea

marco.cavalcanti@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea.

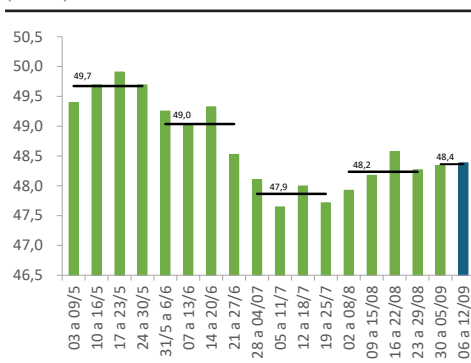
lauro.ramos@ipea.gov.br

Divulgado em 02 de outubro de 2020.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente à semana de 6 a 12 de setembro – 18ª semana da pesquisa –, a trajetória do mercado de trabalho permaneceu basicamente inalterada em relação às semanas anteriores. Os efeitos diretos da pandemia sobre o mercado de trabalho vêm arrefecendo gradualmente – conforme sinalizado pela tendência de diminuição do número de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social e pela redução do contingente de pessoas fora da força de trabalho que gostariam de trabalhar, mas não procuraram emprego por conta da pandemia –, mas permanecem relevantes. O nível de ocupação continua a recuperar-se lentamente, entretanto, ainda é muito baixo. O aumento da participação na força de trabalho, por sua vez, vem pressionando a taxa de desocupação, que continua sua trajetória de elevação. Assim, ainda que a evolução da pandemia de Covid-19 permita a continuidade do processo de retorno paulatino a certo grau de “normalidade” no funcionamento das atividades econômicas no Brasil, os efeitos adversos da crise no mercado de trabalho tendem a persistir durante algum tempo.

O número de pessoas ocupadas alcançou 82,6 milhões na semana de referência e 82,5 milhões na média parcial de setembro, apresentando alta em relação a agosto (82,2 milhões). O nível da ocupação (razão entre o número de pessoas ocupadas e a população com 14 anos ou mais de idade) também aumentou no período, de 48,2% para 48,4%. O gráfico 1 apresenta a evolução do nível de ocupação ao longo das dezoito semanas da pesquisa.

GRÁFICO 1
Nível da ocupação - valores semanais e média mensal (Em %)



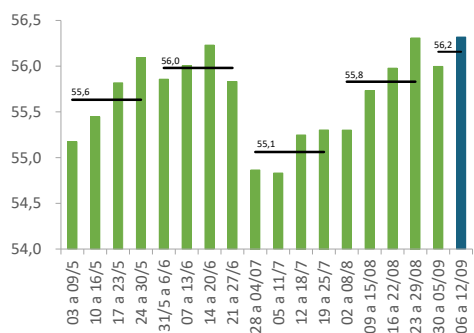
Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Apesar do aumento do número de ocupados, essa expansão não vem sendo suficiente para abarcar os novos entrantes na força de trabalho. De fato, diante do aumento da taxa de participação na força de trabalho (gráfico 2), a taxa de desocupação vem aumentando (gráfico 3). Ambas essas taxas apresentaram, na média parcial de setembro, os maiores valores desde o início da pesquisa.

O baixo nível de participação na força de trabalho deve-se, além do efeito desalento associado ao choque adverso no nível de atividade econômica, também ao efeito renda positivo associado ao auxílio emergencial – que provavelmente levou muitas pessoas a reduzirem sua oferta de trabalho. Diante da redução do valor do auxílio nos próximos meses e da expectativa de continuidade do processo de recuperação econômica, é razoável esperar que a taxa de participação no mercado de trabalho continue em elevação, o que deverá manter a taxa de desocupação pressionada.

GRÁFICO 2

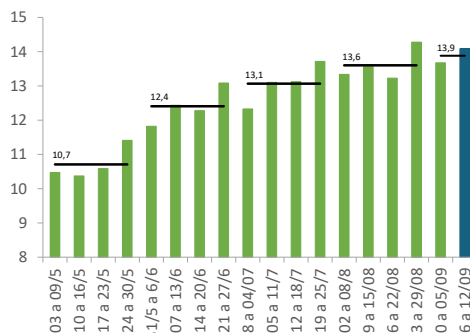
Taxa de participação na força de trabalho - valores semanais e média mensal (Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 3

Taxa de desocupação - valores semanais e média mensal (Em %)

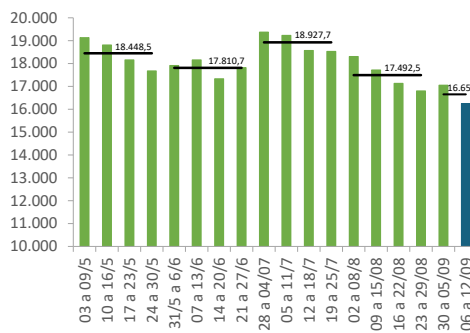


Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Esse aumento da força de trabalho é compatível com a retração do número de pessoas que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas gostariam de trabalhar. Esse número foi de 18,9 milhões de pessoas na média de julho, 17,5 milhões em agosto e 16,7 milhões na primeira metade de setembro. Contudo, apesar dessa queda, esse número continua a representar elevado percentual do total de pessoas não ocupadas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho – 62,5% na média parcial de setembro. Esse percentual tem caído muito lentamente (tendo sido de 64,4% em agosto e 67% em julho), indicando que, apesar de estarem arrefecendo gradualmente, os efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho ainda são relevantes.

GRÁFICO 4

Não ocupados que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas que gostariam de trabalhar - valores semanais e média mensal (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

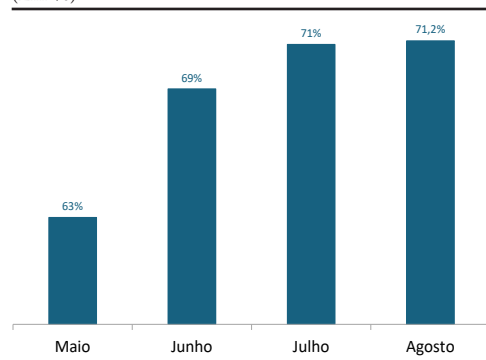
Cabe notar que a hipótese de que o efeito renda do auxílio emergencial tem sido fator explicativo importante do baixo nível de participação na força de trabalho é compatível com o elevado percentual de pessoas que residiam em domicílios onde alguém recebia o auxílio no total de pessoas que gostariam de trabalhar mas não procuraram trabalho, por conta da pandemia ou de outros motivos (gráficos 5 e 6).

O arrefecimento gradual dos efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho se reflete, em particular, na queda do número de pessoas ocupadas e afastadas de suas ocupações devido ao distanciamento social. Este número, que foi de 3,6 milhões no final de agosto, atingiu 3 milhões na segunda semana de setembro. No que diz respeito aos empregados que estão trabalhando de forma remota, os dados mostram que, apesar de leve queda na segunda semana de setembro, esse contingente de trabalhadores tem se mantido relativamente constante ao longo das últi-

mas semanas, o que pode indicar uma mudança permanente no modo de trabalho de parte dessas pessoas. Cabe notar que, conforme discutido em nota desta Carta de Conjuntura,¹ o trabalho remoto tem envolvido principalmente o setor formal e os grupos ocupacionais típicos de trabalhos com maiores níveis de qualificação. Nesse sentido, parece plausível admitir que essa mudança de padrão na forma de trabalho pode indicar uma seletividade nos efeitos da pandemia associada a uma maior desigualdade em termos de bem estar.

GRÁFICO 5

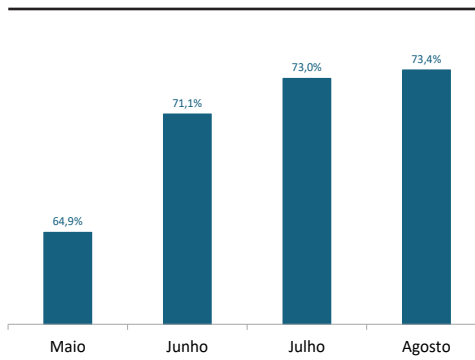
Proporção de não ocupadas que não procuraram trabalho, mas gostariam de trabalhar, que residiam em domicílios onde alguém recebia o AE
(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 6

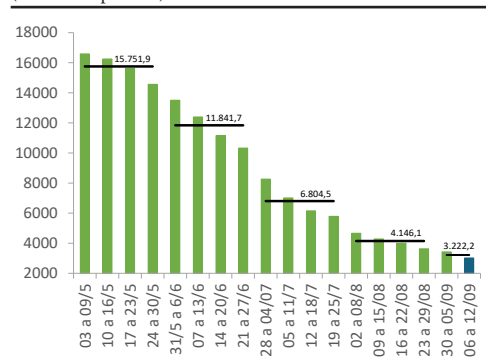
Proporção de não ocupadas que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas que gostariam de trabalhar, que residindo em domicílios onde alguém recebia o AE
(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 7

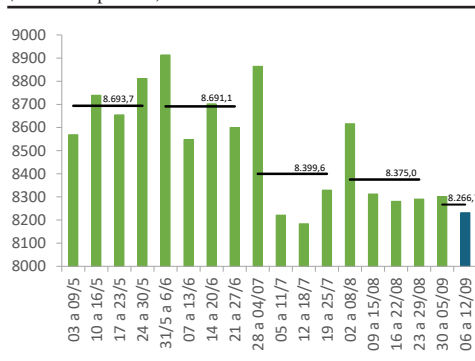
Pessoas ocupadas e afastadas do trabalho que tinham devido ao distanciamento social - valores semanais e média mensal
(Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 8

Pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, que trabalhavam de forma remota - valores semanais e média mensal
(Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

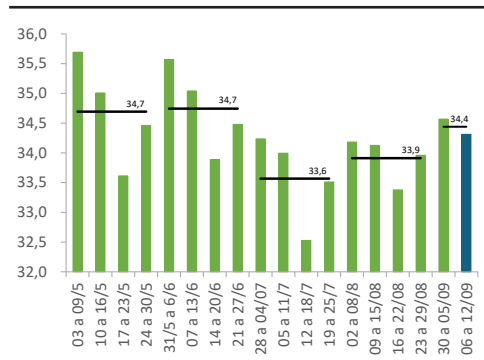
Finalmente, cabe destacar que a taxa de informalidade tem apresentado leve tendência de alta desde julho, quando foi de 33,6%, tendo atingido 33,9% em agosto e 34,4% nas primeiras duas semanas de setembro – o que indica que a retomada do nível de ocupação tem sido mais forte para os empregos informais.

1 Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/conjuntura/200921_cc48_nt_teletrabalho_nt.pdf>.

GRÁFICO 9

Proxy da taxa de informalidade - valores semanais e média mensal

(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Caio Rodrigues Gomes Leite
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.